

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

INOCÊNCIA FERIDA: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DAS VIOLÊNCIAS QUE INCIDEM SOBRE OS CORPOS DE BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS NAS CRECHES

Tainá de Melo Soares¹ – ICTSR/UFSCar
Prof^a. Dr^a. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi² – Orientadora/UFSCar

Introdução

As crianças e suas múltiplas infâncias sempre tocaram profundamente os corações das autoras deste Resumo Expandido. Para a primeira autora, essa sensibilidade se intensificou com o início do curso de Pedagogia, momento em que passou a compreender que essa etapa da vida é decisiva para os aprendizados, o desenvolvimento humano e a formação da subjetividade. Ao longo das disciplinas e, especialmente, nas experiências de estágio em creches, presenciou situações cotidianas em que o cuidado e o respeito à infância eram substituídos por práticas naturalizadas de controle, repressão e violência simbólica — ou seja, a creche tornando-se palco de violências sutis, porém marcantes. Tais observações não apenas a impressionaram negativamente, como também a marcaram de forma profunda e definitiva, exemplificando o tipo de profissional que ela jamais gostaria de se tornar. Foi justamente esse contraste entre o ideal de uma infância protegida e a realidade vivenciada que despertou o desejo de investigar com mais profundidade os mecanismos que sustentam tais violências. Afinal, a infância é um período de começos: de vínculos, emoções, afetos, descobertas, expressões. Por isso, as crianças deveriam ser protegidas contra todos os tipos de violência. Como espaço institucional educativo voltado à primeira infância, a creche deve ser lugar de cuidado, educação, brincadeira, relações de confiança e afeto. A complexidade desse fenômeno, no entanto, reside não apenas na ocorrência dos atos violentos em si, mas na sua naturalização, aceitação e, em alguns casos, incentivo. Assim, a inquietação que moveu esta pesquisa surgiu do entrelaçamento entre a vivência pessoal, a formação acadêmica e o compromisso ético com o direito de cada criança a uma infância digna, respeitosa e livre de violências. A investigação foi realizada no âmbito do programa de Iniciação Científica e Tecnológica Sem Remuneração (ICTSR) pelo Edital 002/2022 da Pró-Reitoria de Pesquisa (ProPq) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no período de janeiro a dezembro de 2024, tendo por objeto os tipos de violência incididas sobre os corpos de bebês e crianças pequenas na creche e o

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba/SP (UFSCar). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5818-3674> CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1168894567413133> Email: tainamelo@estudante.ufscar.br

² Doutora em Educação. Professora Associada da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba/SP (UFSCar). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6978-864X> CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5697508831302188> Email: lucialombardi@ufscar.br

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

porque são naturalizadas, aceitas e, em certos casos, até incentivadas. O relatório final foi entregue em janeiro de 2025 com o título “Inocência ferida: uma investigação acerca das violências incididas sobre os corpos de bebês e crianças pequenas nas creches” e aprovado em fevereiro do mesmo ano. A estudante está cursando o último ano, dando continuidade à pesquisa em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), bem como em debates no contexto do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte e Práticas Educativas (GIAPE).

Objetivo

O objetivo principal da pesquisa foi investigar os motivos pelos quais diferentes tipos de violência que incidem sobre os corpos de bebês e crianças pequenas na creche são naturalizados, aceitos e, em certos casos, até incentivados. Em complemento ao objetivo principal e buscando compreender as dinâmicas implícitas que contribuem para a tolerância dessas práticas, os seguintes objetivos específicos foram delineados: identificar os diferentes tipos de violência que incidem sobre o corpo de bebês e crianças pequenas, abrangendo aspectos físicos, psicológicos e de negligência; compreender os motivos que levam à naturalização de violências por parte de profissionais da Educação da creche contra o bebê e a criança pequena, explorando fatores sociais, culturais e institucionais que contribuem para essa aceitação; investigar as percepções de profissionais da Educação em creches sobre práticas violentas (atitudes, crenças e barreiras) que podem contribuir para a aceitação ou normalização de tais comportamentos. Unindo objetivos gerais e específicos, a pesquisa almeja produzir conhecimentos que contribuam para a conscientização de profissionais da Educação e todos os envolvidos no processo de desenvolvimento integral e legitimação da criança enquanto sujeito histórico e de direitos.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa do tipo bibliográfica (Malheiros, 2011). O levantamento bibliográfico foi realizado em três diferentes bases de dados com palavras-chave escolhidas durante reuniões de orientação. Foram incluídos em tabelas os materiais que traziam referencial histórico e os que abordavam as violências que incidem sobre os corpos de bebês e crianças pequenas. A delimitação da faixa etária estabelecida restringiu consideravelmente a quantidade de materiais, visto que a maior parte do conteúdo se referia à terceira infância. O primeiro banco de dados acessado foi o Sistema Integrado de Bibliotecas da UFSCar, disponível em: <https://www.pergamum.ufscar.br>. No repositório da produção científica e intelectual da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), <https://repositorio.unicamp.br/>, foram encontrados poucos resultados. Também foi acessada a Scientific Electronic Library Online (SciELO), disponível em: <https://www.scielo.org>. Foram selecionados 13 títulos por meio da revisão de literatura que se somaram a outras referências, indicadas pela orientadora e estudadas em atividades curriculares do curso. O livro Vigiar e Punir, de

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

Michel Foucault (1987), estudado na disciplina “Educação, Corpo e Movimento” do curso de Pedagogia, foi um elemento motivador central. A teoria da punição gentil e o uso da disciplina para a construção de relações de poder desiguais aguçaram inquietações e fundamentaram o projeto. A teoria da violência simbólica, de Pierre Bourdieu (2007), também foi essencial, além de documentos como Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (Campos & Rosemberg, 1995), o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010) e a Declaração dos direitos das crianças proposto pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 1959. Em relação às disciplinas da graduação que foram fundamentais para as reflexões estabelecidas, estão “Educação, Corpo e Movimento” e “Metodologia do Ensino de Arte”, ambas ministradas pela professora orientadora da pesquisa, bem como as experiências de estágio obrigatório em Educação Infantil. Após a seleção dos materiais bibliográficos, procedeu-se à leitura exploratória inicial, seguida de uma leitura mais aprofundada, com foco nos conteúdos que se relacionavam diretamente aos objetivos da pesquisa. Os textos foram organizados e categorizados conforme os temas recorrentes, tais como: tipos de violência na creche, relações de poder, naturalização da violência e práticas educativas. A interpretação buscou articular os conceitos teóricos com os contextos vivenciados nas creches observadas durante os estágios, visando compreender como essas práticas violentas se legitimam e se perpetuam no cotidiano institucional.

Resultados e Discussão

Como propor uma pedagogia que rompa com lógicas violentas e adultocêntricas? Observou-se a incidência de diferentes formas de violência simbólica e institucional no cotidiano das creches, especialmente contra os corpos vulneráveis de bebês e crianças pequenas. A pesquisa nasce do incômodo causado por esta situação e da vontade de dar voz ao que muitas crianças não conseguem expressar, denunciando práticas que, mesmo sem deixar marcas no corpo, marcam a alma. A investigação propôs-se a analisar como essas violências se manifestam nas creches e de que forma são legitimadas por discursos, atitudes e estruturas históricas, sociais e educacionais. Além disso, torna-se importante compreender como essas violências não apenas ocorrem, mas são muitas vezes incorporadas ao cotidiano escolar como formas de disciplinamento. Há um risco constante de banalização de práticas autoritárias que, embora sutis, exercem forte impacto sobre a subjetividade infantil. O estudo identificou diversas formas de violência simbólica e psicológica presentes nas creches, como gritos, punições, imposições disciplinares, exclusão do brincar e desconsideração das necessidades emocionais e expressivas das crianças. Foram observadas também práticas como chantagens, intimidações verbais, ameaças silenciosas e desatenção às necessidades básicas como alimentação e higiene. A partir da teoria foucaultiana, é possível compreender que essas práticas se sustentam em mecanismos de disciplina e vigilância que moldam os corpos infantis conforme um ideal de obediência e controle. Foucault (1987) descreve como o poder se exerce sobre os corpos por meio de técnicas "gentis" de punição e normalização, que também

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

se fazem presentes nos cotidianos das instituições educativas. Como por exemplo, as estruturas físicas e organizacionais da escola, desde a disposição das salas de aula até a rigidez dos cronogramas escolares. Essas práticas, muitas vezes legitimadas e justificadas pelo estresse docente, pela estrutura escolar e por heranças histórico-culturais adultocêntricas, são internalizadas como estratégias educativas aceitáveis. Além disso, Bourdieu (2007) contribui para o entendimento de que essas práticas não ocorrem de forma isolada ou intencionalmente maliciosa, mas sim como expressões da violência simbólica — um tipo de violência sutil, legitimada pela cultura institucional e pelas relações de poder desiguais, que atua por meio de palavras, gestos e estruturas escolares que se tornam “naturais” ao longo do tempo. A violência simbólica emerge, assim, como um reflexo das relações de poder naturalizadas e reproduzidas dentro das instituições educativas. Isso tudo destaca o peso do discurso meritocrático e da cultura da obediência, que valoriza crianças caladas, enfileiradas e submissas em detrimento da escuta, da criatividade e da livre expressão. Educadores e educadoras, muitas vezes sobrecarregados e sem suporte institucional, acabam reproduzindo comportamentos punitivos como forma de controle e sobrevivência. Segundo Almeida (2021) as justificativas de demandas são atemporais, obscuras, com práticas corriqueiras e legitimadas por um conjunto de elementos que sustentam suas estruturas e as mantêm como instrumento indispensável à garantia das relações de poder que se instalam por entre os sujeitos que compõem a realidade institucional educacional, mantendo hegemonias e perpetuando sistemas. O conceito de violência simbólica, proposto por Pierre Bourdieu (2007), serviu de pilar central para a análise das práticas identificadas. A violência verbal, por meio de palavras negativas com o intuito de humilhar, manipular e ameaçar e a violência psicológica, quando se usa de comportamentos não físicos que desestabilizam emocionalmente a criança. Todos esses são exemplos de violências simbólicas. Conforme Fonseca (2009), a disciplina busca reprimir movimentos para produzir corpos submissos para que o corpo seja útil, produtivo; diminui suas forças para controlá-lo, para sujeitá-lo. Reduz sua força política e maximiza sua força útil. Rennó (2009) afirma que se parte do princípio de que se pune para educar, do uso do castigo para conduzir à civilidade. Essa forma de conceber a educação tem como viés norteador, primeiramente, a necessidade de disciplinar para educar, instruir e civilizar. Como aponta Bourdieu, esse tipo de violência é eficaz justamente porque é invisível, exercida de forma sutil e aceita como legítima tanto por quem a pratica quanto por quem a sofre.

Conclusão

As violências contra bebês e crianças pequenas nas creches são multifacetadas, frequentemente invisíveis e historicamente naturalizadas. O enfrentamento dessas práticas exige a valorização e formação crítica dos profissionais da educação, a promoção de ambientes realmente acolhedores e a desconstrução de certas condutas enraizadas no cotidiano escolar. A pesquisa aponta a urgência de um olhar mais sensível, consciente e comprometido com o desenvolvimento integral das infâncias. A desconstrução do adultocentrismo e a criação de práticas pedagógicas fundamentadas no respeito e na escuta ativa são caminhos necessários para

XI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DO IFSP ITAPETININGA

Itapetininga, 27, 28 e 29 de maio de 2025

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Campus Itapetininga

transformar a escola em um espaço verdadeiramente educativo. O trabalho aponta ainda para a necessidade de políticas públicas que garantam melhores condições de trabalho aos profissionais da educação, bem como formação continuada e suporte emocional. Essa reflexão amplia os horizontes de atuação pedagógica e reforça a importância de se pensar em uma educação que respeite a criança como sujeito histórico, de direitos e de expressão, capaz de construir suas relações de maneira autônoma, segura e significativa.

Referências

- ALMEIDA, Nathália Suppino Ribeiro de. **A produção da (in)disciplina escolar: normalização, subjetivação e controle**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14956>. Acesso em: 27 abr. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.
- CAMPOS, Maria M.; ROSEMBERG, Fúlvia. **Crítérios de atendimento para uma creche que respeite os direitos fundamentais da criança**. Brasília, DF: MEC, 1995.
- FONSECA, Adriana de Castro. **Disciplinando o corpo de Alice: maravilha e controle na escola contemporânea**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3817> Acesso em: 21 set.2024.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Declaração dos direitos da criança**. Nova York: ONU; UNICEF, 1959. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/22026/file/declaracao-dos-direitos-da-crianca-1959.pdf>. Acesso em: 13 maio.2025.
- MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- RENNÓ, Cláudia Martins Ribeiro. **Produção de corpos dóceis: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009. Disponível em: <https://repositorio.uniso.br/handle/uniso/450> Acesso em: 14 jun.2024.